



Apresentação

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (Italo Calvino, *As seis propostas para o próximo milênio*, p. 138)

Na contemporaneidade, as escrituras acerca do rótulo cultura são tantas e tão variegadas que qualquer definição seria ingênua, ineficaz e incompleta. Isso, não apenas pelo acervo discursivo-teórico sobre o tema, mas, antes, pela dificuldade em desenvolver/abarcara uma definição que contemple os meandros, às vezes, pouco transparentes do que a sociedade convencionou ou denomina o que seja tal elemento.

Entender que todo discurso seja ele literário, histórico, cinematográfico, psicológico, ensaísta, etc, contempla um território cultural, significa estar de acordo que toda e qualquer escritura está intrinsecamente relacionada a uma dada cultura. Esta subjaz a qualquer constructo humano do qual não há possibilidade de se desvincular. Na esteira desse pensamento, Hugo Achugar (2006) é categórico ao afirmar que o *locus* de enunciação está diretamente ligado ao homem, este, fala, então, de um lugar determinado e, por conseguinte, sua fala é impregnada da cultura de tal lugar.

A *Rascunhos Culturais* com artigos cujas temáticas abrangem diversas áreas das Ciências Humanas propõe divulgar uma série de textos de modo a pôr em circulação culturas, pensamentos, idiosincrasias e reflexões acerca da humanidade, demonstrando como tais elementos divergem-se de um olhar para o outro. Queremos, portanto, favorecer um espaço cuja multiplicidade de pontos de vista traduza as mais variadas formas de pensar a cultura e os bens culturais, onde nenhuma perspectiva rechace outras, mas que, conforme as palavras de Gilles Deleuze, em seu *A dobra* (1991), diferentes elementos possam congregar o mesmo *cosmos*, criando um mundo de infinitas dobras.

Italo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* afirma que “[...] os livros mais modernos que mais admiramos nascem da confluência e do entrelaçamento de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão” (CALVINO, 1990, p. 131). Como Calvino, queremos pensar na precariedade das totalidades, na discrepância da palavra final e na (im)possibilidade de exaurir um determinado tema. Dissertar, ensaiar, teorizar - independentemente do verbo empregado - sobre arte, literatura, culturas e os bens que desta emergem implica num trabalho muitas vezes efêmero, temporal, transitório, não havendo, portanto, uma palavra exata ou acabada. A proposta da *Rascunhos* é, conforme o próprio nome, *rascunhar*, propor perspectivas teóricas divergentes, incentivar a interlocução acadêmica e a divulgação de diferentes pesquisas. É um pôr de cartas na mesa, onde cada autor apresentará uma a uma, combinando com as dos outros, e em conluio construiremos um projeto escritural que abarque o “eu” e o Outro: “O que ninguém sabe, nem mesmo o sujeito, é que ele precisa do outro para ter o que já era próprio. Daí podermos pensar que o próprio está no alheio, assim como o alheio já está no próprio. Acontece que um só sabe do outro até certo ponto, depois não sabe mais o que é seu e o que é do outro, mesmo sabendo que há algo que é concretamente seu e algo que é concretamente do outro”



(NOLASCO, 2008, p. 71), gerando assim, o “trânsito livre para o experimentalismo, para a permanência teimosa de antigas fórmulas ao lado das novas, para os processos de produção que vêm no artesanato uma forma de resistência ao anonimato da produção em série, que é a regra” (LAJOLO, 2001, p. 104). As palavras dos pesquisadores são enfáticas no que diz respeito a uma pluralidade (e por que não texto?) onde a diversidade e a dinâmica dos diálogos da pesquisa congregam-se. Se, por um lado, as ciências humanas geram conhecimentos segmentados a partir de diferentes especialidades e posturas críticas, por outro, comungam de um propósito maior: apreender criticamente as atividades humanísticas de modo a buscar um mundo mais democrático a partir da valorização do patrimônio humano e do rechaço a intolerâncias de toda ordem.

Na esteira do pensamento sobre a prática escritural, observemos as palavras de Drummond:

Entendo que a poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de consciência com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser a mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos. (ANDRADE, 1992, p. 1344-1345).

Drummond entendia que a escritura literária deveria ser pautada por motivações que estavam para além de um trabalho superficial, ordinário e de pouca reflexão. Estendendo tais proposições à escrita científica, comungamos com o pensamento do poeta e acreditamos que nosso projeto escritural far-se-á a partir de um aparato crítico-teórico relevante que comprove, assim como os poetas que se armam, a seriedade, o comprometimento e o labor com as palavras por parte dos que se lançam nos meandros do discurso crítico.



Hodiernamente as Humanidades ainda é a prima pobre no *hall* das ciências; em alguns casos nem recebe reconhecimento como tal. Estamos em busca de criação de espaços igualitários. Objetivamos, ademais de autonomia, uma sensibilização por parte das Instituições competentes e de fomento. Tal sensibilização deve ser concretizada por apoio e trabalho em conjunto de diferentes setores da Universidade, para que o ensino, a pesquisa e a extensão possam caminhar juntos. Escrever acerca dos bens culturais de qualquer sociedade significa refletir acerca de sua cultura, idiosincrasia e história. Escrever é condição *sine qua non* para entender o mundo no qual estamos inseridos; sem esta reflexão que se dá - entre outros elementos - pela escritura não há entendimento do homem por ele mesmo. Perpetuamo-nos a partir da palavra. Posicionamo-nos por intermédio do discurso, sem o qual nada existira. Para endossar nosso pensamento, lançamos mãos das palavras do filósofo Jacques Derrida: “o fora do texto não existe” (DERRIDA *apud* PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 45). Se nada existe para além da modalidade discursiva, o trabalho escritural proposto pela *Rascunhos Culturais* justifica-se por colaborar com a geração de ciência na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Coxim, fomentar o diálogo com pesquisadores de outras IES e para a sociedade como um todo.

A criação da revista consolidar-nos-á enquanto um *Campus* autônomo no que diz respeito à divulgação das pesquisas dos corpos discente e docente, além de outros trabalhos oriundos de diferentes instituições. O projeto *Rascunhos culturais* é pioneiro e está, nesse primeiro número, concretizando-se enquanto um veículo de intercâmbios para a expansão de pesquisas nas mais diversas áreas das Ciências Humanas. Estamos, portanto, em início de uma nova experiência acadêmica, de buscar um outro ângulo para a nossa eterna tarefa de aprendizes.



Salientamos que esse projeto só foi possível graças ao empenho expressivo dos professores dos cursos de Letras e História do *Campus* de Coxim, encorajando-nos, escrevendo artigos e colaborando com o desempenho nos trâmites burocráticos, como é o caso dos professores Eliene Dias Santana, Marcos Lourenço de Amorim, Maria Luceli Faria Batistoti, Rafael Athaides e, especialmente, Marta Francisco de Oliveira. Ao professor Gedson Faria, diretor do *Campus* de Coxim, nosso expressivo agradecimento pela disposição em ajudar. Agradecemos a colaboração voluntária dos acadêmicos Luciana Rossi Lopes, Wanderson Ancântara, José Ademar Peixoto de Souza, Tatiane de Queiroz Moura, Sângela Thais da Silva e do arquiteto Jean Claud Pinheiro pela arte que compõe a capa da revista. Manifestamos carinhosa gratidão aos professores José Genésio Fernandes e Maria Adélia Menegazzo com quem compartilhamos a idéia inicial da Revista, o desafio e as conseqüentes dúvidas que surgiram durante sua construção. Finalmente, nossos agradecimentos aos professores que compõem o conselho científico dessa Revista pela expressiva contribuição.

Rascunhos literários. Rascunhos históricos. Rascunhos antropológicos. Rascunhos sociológicos. Rascunhos cinematográficos. Rascunhos poéticos. Rascunhos filosóficos. Rascunhos memorialísticos. Rascunhos linguísticos. Rascunhos escriturais: *Rascunhos culturais*. Rascunhemos!

Flávio Adriano Nantes Nunes
Geovana Quinalha de Oliveira



Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

CALVINO, Italo. *As seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

NOLASCO, Edgar César. Literatura, mercado e consumo. In: *Raído: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD/ Universidade Federal da Grande Dourados (v.2, n. 3, 2008)*-. Dourados, MS: UFGD, 2008. p. 65-76.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Entre o perigo e a chance – dossiê Jacques Derrida*. In: REVISTA CULT, nº 117, set. 2007.

